



II FÓRUM INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
VI SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO
XIV FÓRUM NACIONAL DE EDUCAÇÃO
XVII SEMINÁRIO REGIONAL DE EDUCAÇÃO BÁSICA
De 27 à 30 de abril de 2016 na Universidade de Santa Cruz do Sul.

RELAÇÃO ENTRE CONSCIÊNCIA SINTÁTICA, HIPÓTESE DE ESCRITA E LEITURA EM CRIANÇAS ANTES DO INGRESSO NO SISTEMA DE ALFABETIZAÇÃO

Brendom da Cunha¹-Centro Universitário UNIVATES
Grasiela Kieling Bublitz²-Centro Universitário UNIVATES

GE: Pesquisa e Educação Básica.

Resumo

O presente artigo busca compreender a relação estabelecida entre a consciência sintática, hipótese de escrita e leitura em alunos de uma pré-escola da rede municipal de Educação Infantil, do município de Lajeado/RS. Tem como finalidade compreender se alunos da pré-escola já possuem habilidade de domínio de língua (através da consciência sintática) e de que forma está interfere na aquisição da leitura e escrita. Estudos na área (CAPOVILLA e CAPOVILLA, 2006) já demonstram que indivíduos com melhor desempenho sintático possuem mais facilidade na aquisição da escrita e leitura, se comparado a outros que ainda não possuem uma consciência sintática aguçada. Para a obtenção dos dados, investigaram-se individualmente dez educandos da pré-escola, com idades entre cinco e seis anos. Os alunos foram submetidos a teste de leitura, escrita e correções morfológicas e de ordem. Após os

¹ Acadêmico do curso de Licenciatura em Letras – Português e Espanhol, Centro Universitário UNIVATES, bclussani@gmail.com.

² Doutora em Linguística Aplicada, professora do Centro Universitário UNIVATES, gkib@univates.br.

testes, foi possível perceber que os alunos da pré-escola já possuem consciência das letras, porém no que tange à leitura, limitam-se aos seus próprios nomes. Em relação à escrita, a maioria dos sujeitos investigados encontra-se no estágio pré-silábico. Nos testes de consciência sintática nota-se, através das respostas emitidas pelos investigados, que todos possuem e está se mostra um facilitador no aprendizado da leitura e escrita, principalmente, nos achados dos sujeitos silábicos, os quais possuem uma intimidade maior com a língua oral. Ao final deste artigo, questiona-se a conquista da leitura e escrita do nome próprio pelos alunos da Educação Infantil, se o mesmo é um aprendizado ou apenas uma memorização e reprodução de sequências (pré) determinadas.

Palavras-chave: Aquisição da linguagem, Consciência sintática, Hipótese de escrita, Leitura, Educação infantil.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo o relato de uma pesquisa acadêmica que buscou compreender a relação entre consciência sintática, a hipótese de escrita e a leitura de alunos do último ano da Educação Infantil, a pré-escola, antes do ingresso no sistema de alfabetização. Conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (1996), as pré-escolas tem como finalidade de desenvolver a crianças de forma integral, desse modo, cabe a elas a construção dos aspectos físicos, psicológicos e sociais, como forma de complemento das ações do meio em que está inserida, tanto no círculo familiar, como na comunidade em que vive. Como explícito na LDB (1996) as pré-escolas não possuem finalidade de ensinar a ler e escrever – tornar o sujeito letrado.

A fluência na língua materna, oral e escrita, perpassa por um conjunto de consciências do sistema linguístico em que o sujeito está inserido. Neste artigo, faremos uma relação entre a *consciência sintática*, hipóteses de escrita e leitura de alunos da pré-escola. Entende-se como *consciência sintática* a capacidade de o sujeito refletir e modificar mentalmente estruturas gramaticas internas de sentenças.

No que tange à hipótese de escrita, com base nos estudos de Emilia Ferreiro, a partir de manuscritos dos alunos, é possível caracterizá-los entre *pré-silábico* - primeiro estágio, até *alfabético* - último estágio. Também é objetivo desta investigação, buscar compreender se os educandos deste nível de *escolarização* já são capazes de decodificar a grafia de determinadas palavras e atribuir sentido a elas, sendo essas ações as bases da leitura.

Conforme o exposto acima, a presente investigação abordará a forma como a consciência sintática está relacionada à hipótese de escrita e leitura dos alunos de uma pré-escola municipal da cidade de Lajeado/RS. O artigo está organizado de forma em que há uma apresentação do tema central, subsequente a ela apresenta-se o embasamento teórico adotado pelo pesquisador. Na última seção do artigo, é realizada uma reflexão acerca dos achados nos testes aplicados, bem como uma reflexão da relação entre a consciência sintática, a hipótese de escrita e a leitura dos alunos, antes do ingresso no ensino formal.

AS TRÊS COMPETÊNCIAS DE ANÁLISE

Quando emitimos frases como “Meus azuis são olhos” e logo em seguida os corrigimos para “Meus olhos são azuis”, estamos fazendo uso da metassintática. Essa metalinguagem refere-se à consciência sintática, que por sua vez se caracteriza como uma “habilidade de refletir e manipular mentalmente a estrutura gramatical das sentenças” (BUBLITZ, 2010). É entendido também que, a partir da consciência sintática, o sujeito pode fragmentar as sentenças que estão sob análise, construir relações de sentido entre as palavras, validando-as em uma sequência de infinito significações e com conteúdo a ser explorado.

Habilidades metalinguísticas, como a consciência sintática, são habilidades conscientes, pois o sujeito a domina, sendo capaz de refletir sobre e deter total liberdade de uso. Esse *empoderamento* da consciência sintática é evidenciado próximo aos seis anos, quando crianças já se mostram capazes de corrigir frases agramaticais (GOMBERT, 1990, apud CAPOVILLA e CAPOVILLA, 2006, p. 15).

A consciência sintática se mostra eficaz no que tange a aquisição da linguagem escrita, uma vez que possibilita o sujeito a um desenvolvimento e aprendizagem da leitura muito mais satisfatório (DEMONT e GOMBERT, 1996, apud. BUBLITZ, 2010). Além disso contribui para que quando o leitor estiver diante de uma palavra de difícil decodificação, sua consciência sintática recorra às pistas gramaticais das sentenças para compreender o seu significado. O significado, de frases e textos, também está diretamente relacionado a esta consciência, já que a significação depende não somente do significado isolados dos elementos das frases e textos, mas a ordem com a qual estão dispostos, a presença de palavras de função (como as preposições e os artigos), morfemas gramaticais e pontuação (CAPOVILLA e CAPOVILLA, 2006, p. 15-16).

O que mais se tem visto quanto a teste de consciência sintática são tarefas orais de *juízo gramatical*, em que o indivíduo ouve uma frase com imprecisões morfológicas e de

ordem e a classifica entre *adequada* e *inadequada*. Além do julgamento gramatical, são associados teste de *corrigir frases, completar palavras e frases*, bem como *replicar erros e classificar palavras*.

Ainda há poucos estudos voltados a real influência da consciência sintática na leitura e escrita, porém o que se tem hoje é suficiente para afirmar que a metassintática é uma facilitadora no que diz respeito a aquisição da leitura e escrita da língua materna.

HIPÓTESE DE ESCRITA

Quando se trata de aquisição da escrita, todos buscam pressupostos teóricos no trabalho mais conhecido da discípula de Jean Piaget, Emilia Ferreiro. Em seu trabalho, a *Psicogênese da Língua Escrita* (1986), Ferreiro apresenta as etapas das quais os alunos passam até dominarem a escrita. Para a autora, as crianças iniciam suas produções sendo *pré-silábicas*, sendo esse o único nível subdividido. No estágio *pré-silábico – nível 1*, o sujeito apenas reproduz grafemas, sem preocupação com o que está realmente sendo escrito. Neste nível, recorre-se ao tamanho do objeto para compor a grafia do mesmo – casos de realismo nominal.

(Para Piaget (1962) o realismo nominal trata-se de uma barreira a qual a criança terá que superar para que conquiste a aquisição total da língua escrita. O realismo nominal é a dificuldade de dissociar o *significado* (objeto) do seu *significante* (representação gráfica). A crianças que ainda não superou a fase do realismo nominal, tende a atribuir características do *significante* ao *significado*, a exemplo na escrita da palavra FORMIGA e CASA. A criança escreverá FORMIGA com menos letras, enquanto CASA com mais letras, equivalendo a grafia ao tamanho original dos significados. Isso ocorre mesmo FORMIGA sendo uma palavra com mais fonemas do que CASA, pois o realismo nominal ainda não foi superado).

No *nível pré-silábico – nível 2*, o sujeito já tem internalizado que há um número mínimo de grafemas para representar o que deseja escrever, porém, suas construções ainda não são claras para atribuir sentido.

O sujeito que busca a conquista da escrita hábil e inteligível começa a ter a consciência de que os sons possuem representações específicas, e as relações, entre as representações e os sons, possuem sentido diferentes. Essa etapa da alfabetização escrita, segundo Ferreiro é entendida como a fase *silábica*. Mesmo que o sujeito já começou a ter consciência das relações grafo fônicas, porém ainda não produz enunciados coesos para ser habilitada como alfabética.

Entre a hipótese *silábica* e a *alfabética*, há o estágio intermediário o nível *silábico-alfabética*, em que o sujeito se encontra quase alfabética, porém requer alguma fonte para que possa certificar-se da escrita. A última hipótese, trata-se justamente do sujeito já *alfabético*, nesta etapa o sujeito consegue diferenciar os fones da língua, bem como realiza interações coesas entre eles através da escrita.

LEITURA

A leitura trata-se de uma habilidade de grande complexibilidade, pois pressupõe inferir sentidos no texto, ativando diversos processos cognitivos que interagem entre si. Entende-se por leitura a transformação de representações gráficas da língua em representações mentais de forma sonora e do seu significado (MORAIS, LEITE E KOLINSKY, 2013, p. 17). A leitura apenas é possível por um conjunto de habilidades, em que o leitor deve dar conta para interagir no sistema linguístico ortográfico. Uma das habilidades diz respeito a reconhecer as letras, a mensagem que uma determina sequências de letras (palavra) transmite, e mais adiante, a relação que as palavras estabelecem entre si nas construções frasais. Corroborando a afirmação anterior, Goodman (1976) afirma que “a leitura é um processo preciso que envolve percepção e identificação sequenciais exatas e detalhadas de letras, palavras, padrões de ortografia e unidades linguísticas maiores”. Essa habilidade de decodificação e percepção de sentido entre palavras é o que distingue e classifica os leitores entre bons, médios e maus leitores.

Para uma leitura eficiente, no que tange a saber a decodificação das palavras e seus sentidos, Morais, Leite e Kolinsky (2013) apontam três condições para que a mesma se concretize. A primeira é descobrir o princípio alfabético, que consiste em estabelecer conexão entre o *grafema* e o *fonema*, isso é, “os fonemas são representados graficamente por letras ou grupo de letras” (MORAIS, LEITE E KOLINSKY, 2013, p. 22). Essa habilidade requer treinamento a partir de atividades que visam a percepção do aluno quanto a relação entre fonema (som) e grafema (símbolo/letra).

A segunda condição é adquirir conhecimento sobre o código ortográfico do qual está inserido. Para os autores, “o código ortográfico de uma língua é o conjunto de regras de correspondência grafofonológica ou fonográfica constituído para a língua” (MORAIS; LEITE; KOLINSKY, 2013, p. 22). Essa condição visa, não somente o conhecimento das letras, mas também perceber que uma mesma letra, na relação com as demais, pode estabelecer diferente significado, dependendo sempre do contexto em que está inserida.

A terceira condição apresentada pelos autores é constituir o léxico mental ortográfico. Essa condição está associada ao que o leitor irá ler (e como lerá) para desenvolver a habilidade leitora. Constituir um léxico ortográfico, refere-se a armazenar uma gama de palavras que, durante a leitura, são recuperadas da memória de forma automática e sem que o sujeito tenha consciência disso.

Como apresentado anteriormente, a leitura trata da capacidade de perceber que as letras são, na verdade, representações dos sons da fala, e sua relação entre sons resulta em palavras, frases, textos. A capacidade de estabelecer novas relações de sons e palavras, se dá pelo acesso ao código ortográfico (alfabeto), que através das suas infinitas combinações resulta nas palavras que armazenamos em nossa memória, que ao ler, automaticamente resgatamos para a compreensão dos enunciados.

DOS PARTICIPANTES

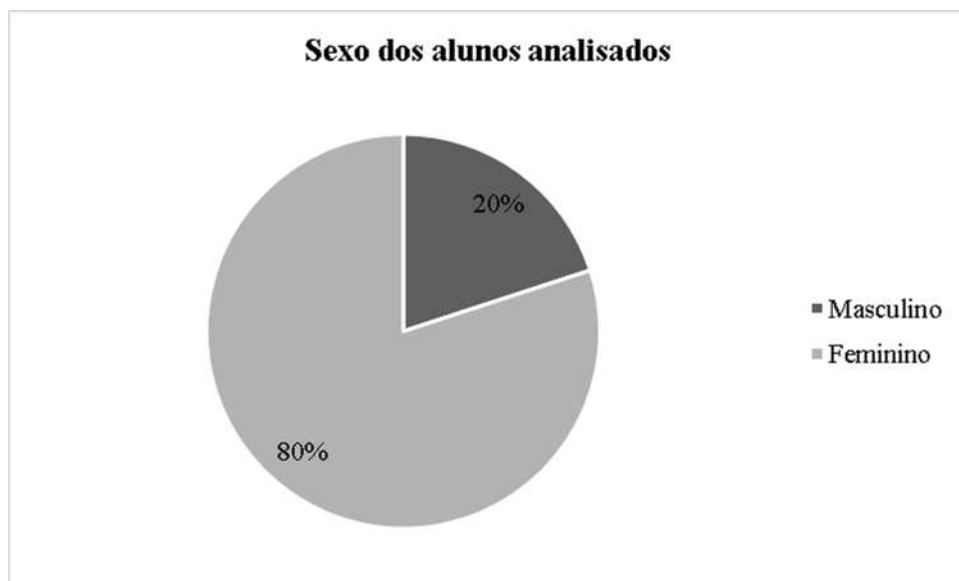
Esta pesquisa foi realizada com dez (10) alunos de uma escola de Educação Infantil, integrada a rede municipal de ensino do município de Lajeado/RS. Os participantes fazem parte de uma turma de turno integral, permanecendo na escola no turno da manhã e tarde. Os alunos que participaram desta pesquisa estavam matriculados na turma E³, que caracteriza o último ano deles na Educação Infantil antes do ingresso no Ensino Fundamental.

O objetivo da investigação foi compreender se as crianças, desta pré-escola analisada, antes do ingresso no sistema de alfabetização, já possuem conhecimentos de língua (aqui nesta investigação presente através da consciência sintática), se dominam a escrita e o quanto a dominam, bem como se são capazes de ler.

O gráfico (Gráfico 1) abaixo expõem o número dos participantes desta análise, dividindo-os pelo sexo, sendo que oito (8) sujeito são do sexo feminino e dois (2) do sexo masculino.

Gráfico 1: Participantes da pesquisa divididos por sexo

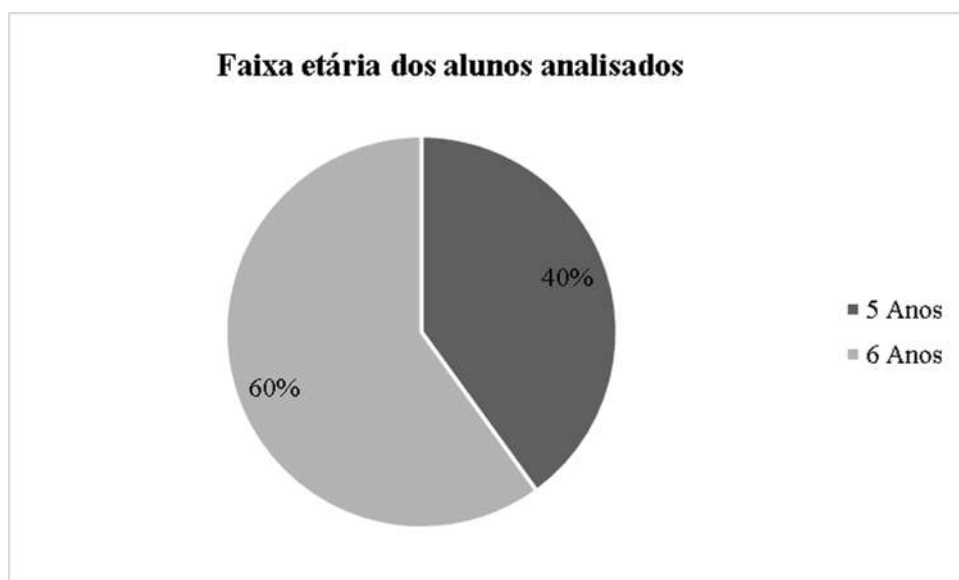
³ A nomenclatura adotada pela escola segue o padrão estabelecido pela rede municipal de educação.



Fonte: Autor.

O gráfico (Gráfico 2) a seguir, expõem a relação da faixa etária dos alunos analisados. A média de idade dos alunos participantes da investigação é de seis (6) anos.

Gráfico 2: Representação gráfica da idade dos alunos investigados



Fonte: Autor.

Os dados obtidos nesta investigação são resultados da análise de nove (9) sujeitos. A pesquisa, entretanto, foi realizada com dez (10) crianças, entretanto um dos alunos investigados, durante a realização dos testes não emitiu resposta quando que foi solicitado. Conforme relato da professora da turma dos alunos, o educando não se comunica de forma

oral com os colegas, professores e funcionários da pré-escola durante o período em que está nas suas dependências. A família, quando questionada, relata que o aluno se comunica oralmente e faz relatos do dia-a-dia na escola.

O aluno não possui laudo de *déficit*, e durante a pesquisa ficou com o dedo na boca todo o período. O aluno limitou-se a responder duas questões (teste de leitura), porém não realizou a leitura, quando interrogado se sabia o que estava escrito e se era seu nome, respondeu de forma positiva.

O TESTE

Durante o teste de leitura (Imagem 1), os alunos foram expostos diante dos seus próprios nomes, além de outras cinco (5) palavras que fazem parte do seu cotidiano. As fichas de cada palavra foram mostradas individualmente, uma após a outra.

Imagem 1: Teste de leitura

NOME DA CRIANÇA
COMPUTADOR
CARRO
BONECA
PEPSI
SOL

Fonte: Bublitz, 2010

Para o teste de escrita, os alunos puderam escolher uma folha e uma caneta (foram ofertadas folhas e canetas coloridas para que pudessem realizar esta etapa do teste). Cada criança deveria escrever seu próprio nome na folha, seguido das palavras CASTELO, ESCOLA e FAMÍLIA.

O último teste aplicado nos alunos foi o teste de consciência sintática, retirado do livro *Prova de Consciência Sintática – PCS* (2006). No teste, já validado, de consciência sintática,

a criança deve julgar frases (Imagem 2) após a leitura do investigador e *classificá-las* entre corretas ou não. Algumas frases não possuíam erros nas construções, e sim incorreção morfêmica (IM) e/ou incorreção de ordem (IO), conforme ilustra a imagem a seguir:

Imagem 2: Teste de consciência sintática

JULGAMENTO GRAMATICAL	
1 – A mulher está bonito. (IM)	11 – João tem nove anos.
2 – As flores são brancas.	12 – Eu caderno no escrevo. (IO)
3 – Escola gosto eu da. (IO)	13 – Ele gosta de futebol.
4 – Ela compramos um sapato. (IM)	14 – O gatinho é pequeno.
5 – Maria gosta de sorvete.	15 – Meu irmã bebeu leite. (IM)
6 – Papai saiu para trabalhar.	16 – Os meninos estão brincando.
7 – Meus azuis são olhos. (IO)	17 – Andou de ela carro. (IO)
8 – Ontem eu comi macarrão.	18 – Nós comi uma maçã. (IM)
9 – A fruta são gostosas. (IM)	19 – Esse bebê está dormindo.
10 – É professora minha legal. (IO)	20 – Eu gosto de matemática.

Fonte: Livro *Prova de Consciência Sintática (PCS)* (CAPOVILLA e CAPOVILLA, 2006, p. 17)

Os testes aplicados em cada aluno tiveram a duração média de vinte minutos (20), pois como as crianças ainda não estavam familiarizadas com o investigar houve a preocupação do mesmo em fazer com que as crianças se sentissem à vontade no ambiente, e suas resposta se dessem de forma espontânea.

O teste aplicado nos alunos foi realizado nas dependências da escola de Educação Infantil. Os alunos foram convidados, de forma individual, a se sujeitarem ao teste de consciência sintática, hipótese de escrita e leitura na biblioteca da escola. Reitero de que, como se trata de uma investigação individualizada e com menores de idade, todos os participantes possuíam termos de conscientemente livre e esclarecido sobre o teste, assinado pelos seus respectivos pais e/ou responsáveis.

RESULTADOS

Durante os testes de leitura todos os alunos foram capazes de ler seus próprios nomes, pois já conheciam a sequência das letras que o forma. Porém, quando deparados com as demais palavras (COMPUTADOR; CARRO; BONECA; PEPSI; SOL) não conseguiram estabelecer sentido as grafias, mesmo muitas letras fazendo parte dos seus respectivos nomes.

Um dos sujeitos analisados ao ser solicitado que lesse a palavra PEPSI, leu CHUVA, entende-se que o aluno fez a associação de CHUVA, pois a palavra solicitada anterior a esta havia sido SOL. Essa relação de CHUVA com SOL, demonstra que o aluno ainda não possui um léxico mental ortográfico que o possibilitasse decodificar a palavra. Em relação a palavra SOL, outro aluno emitiu a seguinte resposta ao ler “acho que é TV”. Quando pedido que explicasse o porque achava que estava escrito TV, o aluno alegou que as poucas letras na palavra indicavam isso. Nota-se, neste caso também, que os alunos possuem consciência da dimensão das palavras através dos seus fonemas, pois caso contrário não conseguiriam associar TV a SOL, dos quais possuem o mesmo número de fonemas.

Em relação ao teste de leitura, de outros dois sujeitos, quando solicitados que lessem a palavra SOL um deles leu SAPO, analisando e lendo apenas a letra inicial S, demonstrando possuir conhecimento do código ortográfico. Já o segundo analisado não conseguiu ler a palavra, porém com o auxílio do investigador soletrou, e quando descobriu o que estava escrito emitiu a seguinte resposta “tinha que ter um U no final da palavra”. Essa afirmação demonstra que a linguagem oral já está *internalizada* para esta criança, e a forma como ela fala é a forma como deve ser escrito também.

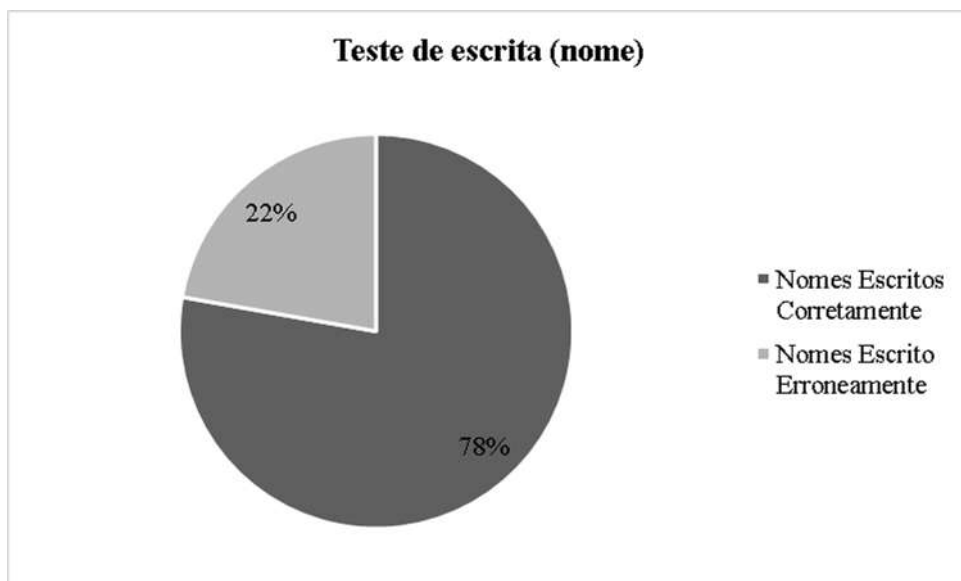
Como visto nesta etapa da investigação, os alunos não conseguem atribuir significado a relação que as letras possuem, mesmo as reconhecem. A soletração das letras das palavras foi um das técnicas adotados por alguns dos investigados, e mesmo com o auxílio da leitura com o dedo, não obtiveram sucesso.

O teste de escrita

No teste de escrita, solicitou-se que a criança escrevesse seu próprio nome. Nesta parte inicial do teste não ocorreram grandes dificuldades, visto que as crianças já sabem ler seus nomes e escrever. Toda via, com a inserção de letras como Y e duplicação de L e N, algumas crianças não conseguiram escrever seu nome de forma correta⁴ como é apresentado no gráfico (Gráfico 3) a seguir:

Gráfico 3: Teste de escrita – Nome do aluno

⁴ A análise da escrita correta do nome foi baseada na lista de chamada fornecida pela escola.

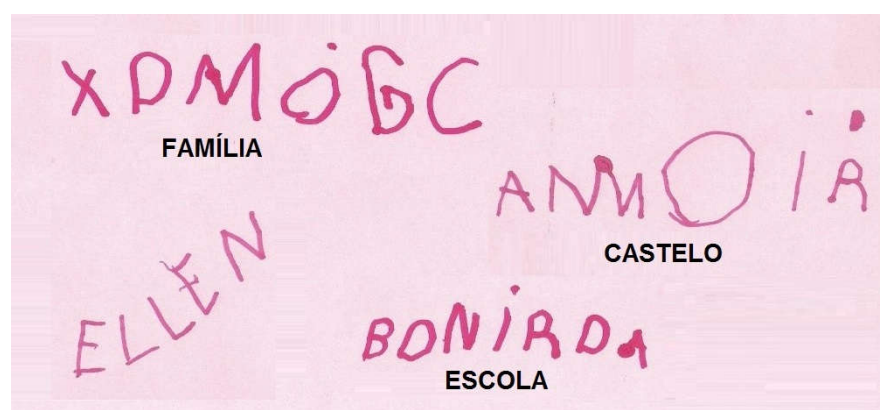


Fonte: Autor.

Em relação às demais palavras que foram solicitadas para os alunos (ESCOLA; CASTELO; FAMÍLIA), a maioria dos alunos se caracteriza como pré-silábicos, estando todos no nível 2. A seguir, analisaremos quatro (4) sujeitos a partir das suas produções escritas.

O sujeito um é configurado como pré-silábico, estando quase no nível silábico, pois como é possível analisar na imagem (Imagem 3), o sujeito possui uma consciência limitada na escrita do que foi solicitado, se limitando às letras iniciais e finais das palavras, porém insuficientes para inferirmos sentidos.

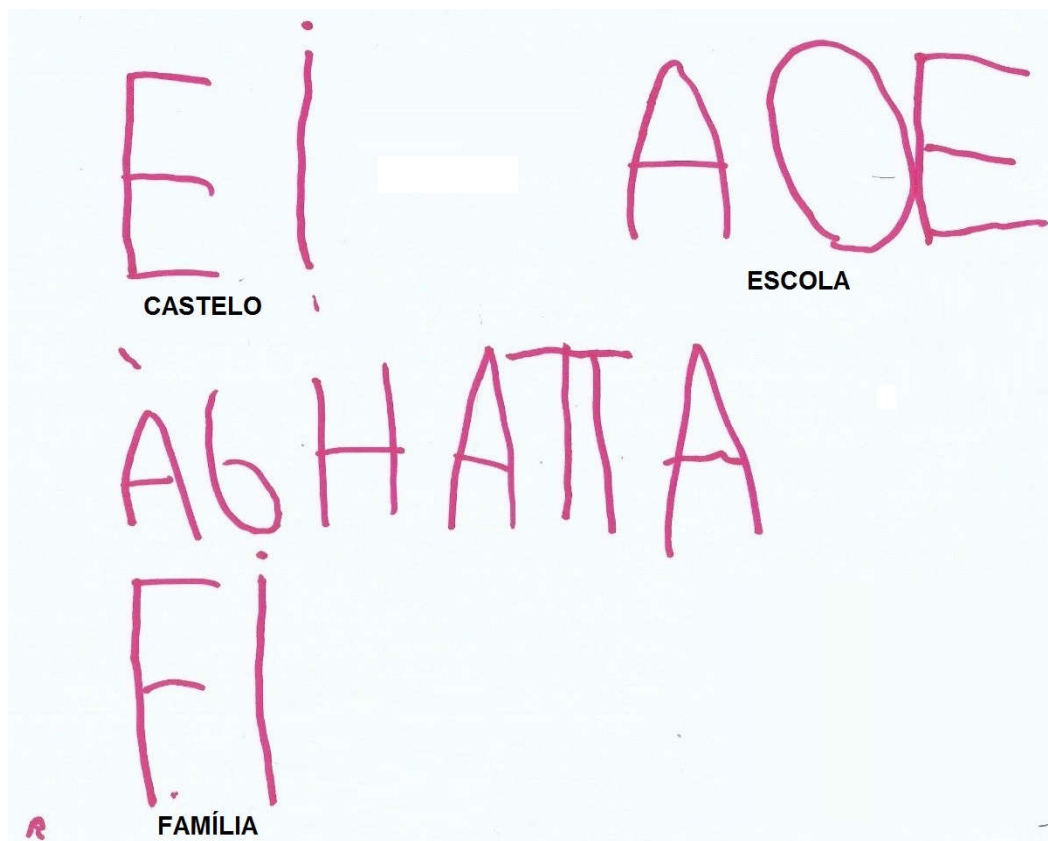
Imagem 3: Teste de escrita – Sujeito 1



Fonte: Autor.

O mesmo ocorre com o sujeito dois, porém este já produz escritas silábicas, como é o caso da construção invertida de ESCOLA em que temos a produção de EOA, como ilustra a imagem (Imagem 4) a seguir:

Imagem 4: Teste de escrita – Sujeito 2



Fonte: Autor.

A análise do sujeito três permite classificá-lo como silábico, pois como é possível visualizar na imagem a seguir (Imagem 5), já há uma relação mais clara entre a linguagem oral e a escrita.

Imagem 5: Teste de escrita – Sujeito 3

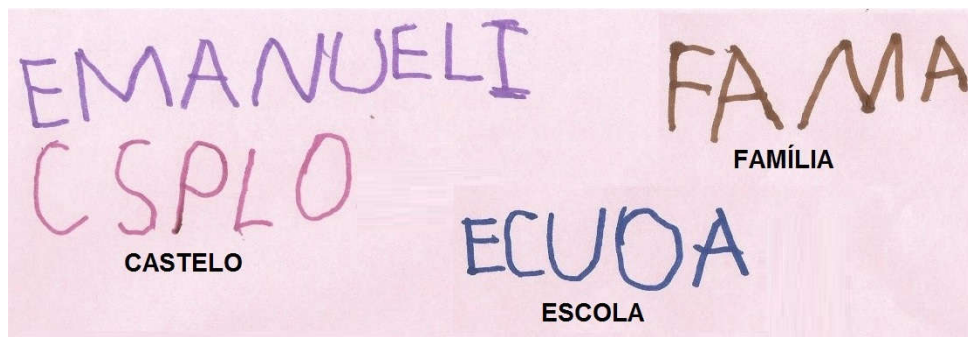


Fonte: Autor.

A percepção de que a escrita é uma representação dos sons que emitimos ainda não está clara para os alunos que estão na fase silábica, porém, como é visto tanto no sujeito três como no sujeito quatro (Imagem 6), as construções das palavras se dão de forma mais clara que os

sujeitos um e dois, pois talvez já haja uma certa compreensão do princípio alfabético (grafema e fonema).

Imagem 6: Teste de escrita – Sujeito 4



Fonte: Autor.

Nota-se que o sujeito quatro está com o desenvolvimento um pouco mais avançado em relação ao sujeito três, do qual compartilha a mesma fase, silábica. Essa constatação é notável, principalmente, na escrita da palavra CASTELO, enquanto o sujeito três escreveu CTU, o sujeito quatro, escreveu CSPLO. A escrita do sujeito quatro, mostra-se mais próxima de CASTELO por já ter o fone [k], seguido de [s], além da presença do encontro das letras LO. Em contrapartida o sujeito três se limita a construção do fone [k] e registro da língua falada, com a presença do U no final de CASTELO.

Como é possível verificar nesta etapa da pesquisa, os alunos são na sua maioria pré-silábicos, sendo restrito o acesso a fase seguinte, silábico, apenas a dois sujeitos. Os alunos silábicos já demonstram compreensão de uma escrita *primitiva*, pois se mostraram capaz de atribuir grafemas a determinados sons que constituíam as palavras que eram solicitados a escrever. Diferente dos alunos pré-silábicos que apenas registram grafemas sem uma ordem de sons a ser seguida para uma significação completa. Alguns alunos pré-silábicos demonstram que já possuem um pensamento com vestígios do princípio alfabético, pois começam por escrever as palavras solicitadas, em alguns casos, com a representação correta da forma oral.

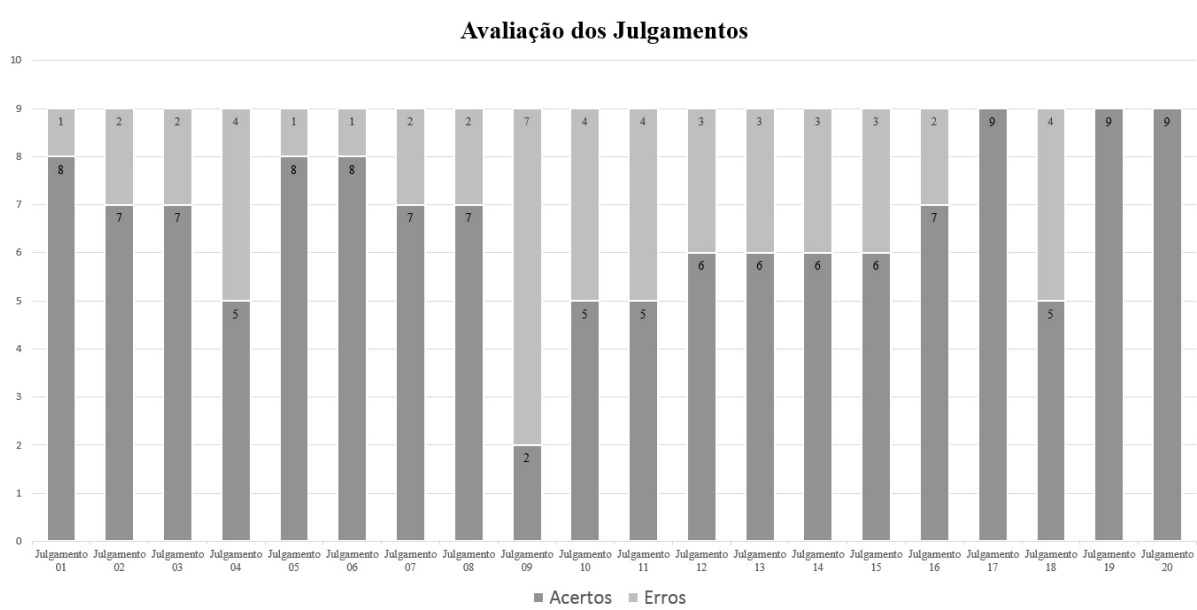
Teste de julgamento gramatical

O último teste aplicado nos alunos investigados, consistia em fazer um julgamento das frases lidas, em voz alta e clara, pelo investigador. Os sujeitos deveriam julgar as frases gramaticais e agramaticais, sinalizando quais eram as construções corretas e quais eram as incorretas. Dentre as frases agramaticais havia construções com incorreções morfológicas (IM) e de ordem (IO).

O resultado obtido neste teste é o mais amplo dos três, pois nos demais ainda havia a possibilidade de classificar cada sujeito dentro de um campo de análise. Entretanto, para este teste, o que está sendo analisado e/ou testado é a consciência sintática de cada sujeito, muito particular, pois engloba tanto o nível de escolarização como a questão cultural do ambiente em que está inserido.

Analisando todos os julgamentos dos sujeitos, podemos estabelecer a seguinte relação, apresentada no gráfico (Gráfico 4) a seguir:

Gráfico 4: Julgamento gramatical



Fonte: Autor.

Como apresentado no gráfico, o julgamento que mais teve *problema* de análise por parte dos sujeitos foi o julgamento **09 – A fruta são gostosas**. Este julgamento possui uma incoerência morfológica, porém pode ter sido interpretada pelos sujeitos como correta, visto que por vezes construímos enunciados assim. Os julgamentos **04 – Ela compramos um sapato (IM)**; **10 – É professora minha legal (IO)**; **11 – João tem nove anos**; **18 – Nós comi uma maçã (IM)**, foram os que também apresentaram construções equivocadas para os alunos.

Proponho neste artigo, analisar o julgamento gramatical de um sujeito do nível pré-silábico e silábico, para analisarmos se há diferença nos resultados dos achados.

O sujeito um, integrante do grupo dos alunos pré-silábico, que durante o teste de escrita apenas reproduziu o nome, obteve 11 acertos e 9 erros nos julgamentos gramaticais. Em contraponto, o sujeito três, classificado como silábico e que soube registrar de forma compreensível as palavras solicitadas, obteve 19 acertos e 1 erro. Vale a ressalva de que, o

único erro cometido pelo sujeito três, não foi erro comum ao sujeito um. Porém, podemos inferir sob esse pequeno zoom nos sujeitos (apenas dois comparados), de que a consciência sintática, habilidade de manipular a estrutura interna de frases, permite que o aluno se destaque na aquisição da escrita também.

Esse destaque é fruto da *intimidade* que se tem com a língua e suas percepções, sendo o teste de julgamento auditivo e o de escrita também (no que tange a compreensão da palavra solicitada), se destacará melhor aquele que consegue manipular, tanto a palavra, como a frase. Os demais sujeitos analisados não apresentaram variações distintas do sujeito um, errando entre 7 a 12 julgamentos. O que chama a atenção é que dentre os demais sujeitos investigados, um que errou apenas um julgamento não conseguiu reproduzir na escrita o que lhe foi solicitado oralmente, pertencendo ao grupo de pré-silábico. Nesse caso, podemos entender que o princípio alfabético ainda não está tão claro, contudo sua consciência sintática é aguçada.

A consciência sintática mostra-se facilitadora na aquisição da escrita, mas é uma variável, pois temos que considerar cada caso, pois como visto nesta seção, um sujeito com desempenho bom no julgamento não o repetiu na escrita. Uma das possíveis justificativas seja a de que, por serem educandos do nível infantil, a competência de escrita não é sua o foco principal deste ensino, limitando-se ao nível oral.

Com os testes aplicados nas dez (10) crianças, podemos analisar minuciosamente a relação que se constitui a partir deles. Como mencionado anteriormente (na apresentação dos sujeitos investigados), houve um caso especial que o investigador não conseguiu estabelecer uma comunicação com um dos indivíduos de análise. O participante, durante o período dos testes, emitiu apenas duas respostas, durante o teste de leitura do próprio nome. Quando questionado pelo investigador se sabia o que estava escrito na ficha, sinalizou que sim. Novamente interrogado, se era seu nome, mais uma vez deu uma afirmativa, se limitando apenas a essas duas respostas. O investigador entendeu que, a partir de então, para o teste de leitura, o indivíduo não estava, naquele momento, habilitado a participar da investigação, visto que a forma oral de comunicação para esta análise, se dá como peça chave. Os demais testes foram validados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo propôs uma análise da consciência sintática, hipótese de escrita e leitura de alunos que ainda não ingressaram no sistema de alfabetização. Ao longo do texto é possível

perceber que os alunos na Educação Infantil, em especial os da pré-escola, submetidos aos testes, estão num ambiente educacional que cumpri com sua lei, de que se trata de um ambiente para seu desenvolvimento integral, focado no social. Isso exclui o dever da pré-escola de ensinar a ler e escrever. O que se pode ver são crianças condicionadas, a partir de uma memorização, de determinada sequência de códigos (letras) a saberem que se trata do seu nome. Como visto no teste de escrita, alunos que possuem nomes com letra duplicada (L e N) nem sempre se recordam de que seu nome é composto por letra dupla, visto que na oralidade essa duplicação não é notada, ficando restrita a presença apenas de uma.

No que diz respeito a escrita, em casos isolados de sujeitos, nota-se que a consciência sintática contribui para a sua conquista. Quanto a leitura, a consciência sintática isolada não consegue contribuir para que haja um desempenho significativo, sendo necessário que os sujeitos recorram as condições necessárias para a leitura.

Este artigo encera-se com o questionamento se a conquista da escrita e leitura do próprio nome, na Educação Infantil, é um ensino-aprendizagem ou apenas a memorização e reprodução de letras em sequência (pré) determinada.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1996.

BUBLITZ, Grasiela Kieling. **Processo de leitura e escrita e consciência linguística de crianças que ingressam aos 6 anos do Ensino Fundamental**. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-graduação em Letras, 2010. Orientação: Prof. Dra. Vera Wanmacher Pereira.

CAPOVILLA, F.; CAPOVILLA, A. G. S. **Prova de Consciência Sintática (PCS normatizada e validada)**: para avaliar a habilidade metassintática de escolares de 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental. São Paulo: Memnon, 2006.

MALUF, M.R.; CARDOSO-MARTINS, C. (2013). **Alfabetização no século XXI** – como se aprende a ler e escrever. Porto Alegre: Penso, ISBN 978-85- 65848-70-1, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2010, 183p.

Revista Guia Fundamental para professores de Ensino Fundamental I, Sondagem da escrita. Disponível em: < <http://revistaguiafundamental.uol.com.br/professores-atividades/94/imprime252538.asp>>. Acesso em: 26 nov. 2015.